

22 SET 1987

21 SET 1987

Os bônus do Brasil mantêm valor

Esforço para melhorar clima

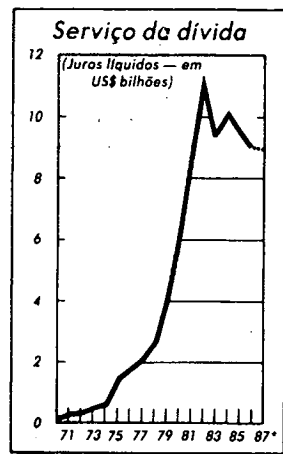
por Paulo Sotero
de Washington

por Célia de Gouvêa Franco
de São Paulo

Há sete meses o Brasil não paga os juros devidos aos bancos privados. As possibilidades de um acordo a curto prazo para renegociação da dívida externa são remotas. Os empréstimos brasileiros não alcançam, no mercado internacional, mais do que 45% do seu valor.

Apesar de tudo isso, são muito valorizados os bônus lançados pelo Brasil na década de 70, uma parcela substancial dos quais ainda continua em circulação.

O Banco Central contabiliza exatos US\$ 1,835 bilhão em bônus brasileiros nas mãos de investidores internacionais, a maioria provavelmente aplicadores que, por tradição, investem nesse tipo de papel, como fundos de pensão: US\$ 908,9 milhões correspondem a bônus emitidos pela República do Brasil; os restantes US\$ 927 milhões, a papéis lançados por empresas estatais, como Petro-



brás, Eletrobrás e Vale do Rio Doce.

Esses bônus, com prazos bastante longos, entre dez e doze anos em geral, foram colocados pelo Brasil no mercado internacional basicamente na década de 70, com uma concentração de lançamentos entre 1974 e 1979. Fizeram parte de uma tentativa do governo brasileiro de alongar o pra-

zo da dívida externa brasileira e, na maioria dos casos, foram vendidos aos investidores sem grandes dificuldades, mesmo porque ofereciam taxas de juro muito atraentes.

Essa é uma das razões para que os bônus brasileiros continuem sendo muito bem cotados — na maioria dos casos bem próximo do seu valor nominal e em alguns até mesmo acima desse valor.

A outra explicação é que, apesar de todas as dificuldades cambiais enfrentadas pelo Brasil desde a crise da dívida de 1982 e mesmo depois da decretação da moratória em fevereiro último, o País nunca deixou de pagar — pontualmente — os juros devidos aos bônus. "O Brasil nunca atrasou nem um minuto nos pagamentos referentes aos bônus", afirmou a este jornal um dos técnicos do Banco Central que acompanham as cotações e os desembolsos no exterior dos bônus brasileiros. Os últimos papéis serão resgatados em 1992.

Os bônus com melhor cotação entre os papéis brasileiros são, hoje, os emitidos em marcos alemães. As últimas cotações disponíveis no Banco Central indicam que houve investidores que pagaram 100,15 a 103% do valor de face desses títulos. O que se explica pelos juros pagos pelo Brasil — entre 6,75 e 9,75% ao ano, uma rentabilidade muito atraente, especialmente porque são bônus lançados em marcos, cuja tendência é de valorização nos mercados internacionais de câmbio.

A maioria dos lançamentos feitos pelo Brasil nessa moeda é de empresas e não do Tesouro. Assim, hoje ainda existem em circulação no mercado alemão papéis da Petrobrás, da Nuclebrás, do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES), da Companhia Energética de São Paulo (CESP) e da Light, a única empresa privada que lançou bônus com aval da República.

Já os bônus lançados na Suíça são os que apresentam hoje as piores cotações entre os papéis brasileiros. Os últimos dados do Banco Central — que às vezes se referem a operações fechadas há semanas ou meses

Negociadores da dívida externa brasileira e altos executivos de grandes bancos credores estão empenhados, desde meados da semana passada, num esforço para criar o clima propício para a reunião que as duas partes têm marcada para a próxima sexta-feira. Não se excluía, na sexta-feira passada, a possibilidade de representantes dos dois lados aproveitarem o fim de semana para tentar identificar os pontos comuns nas pretensões do Brasil e dos seus credores e explorar, a partir desses pontos, a possibilidade de armar pontes e definir limites que possam levar a um entendimento.

Fontes bem situadas, nas duas pontas da negociação, mostraram-se cautelosas, no entanto, ao especular sobre os possíveis resultados desse esforço. "Não diria que há otimismo em relação a se conseguir um acordo, rapidamente, mas há a esperança de que talvez se possa transformar a reunião da sexta-feira no início de um processo de diálogo efetivo, de busca desse acordo, que não existe desde que o Brasil suspendeu os pagamentos da dívida, em fevereiro", afirmou uma fonte financeira bem situada.

A reunião entre os negociadores brasileiros e os membros do comitê de catorze bancos credores, que, pelo desejo desses, ocorreria em Nova York, acontecerá, a pedido do governo brasileiro, em Washington, em local a ser definido no início desta semana.

Significativamente, o governo dos Estados Unidos enviou sinais positivos a Brasília, oferecendo apoio à tentativa de entendimento entre o Brasil e seus credores. Na semana passada, revelando mais uma vez o gosto com que pratica a arte política de assoprar depois de bater, o Departamento do Tesouro perguntou ao governo brasileiro "no que poderia ser útil". Segundo fonte oficial brasileira bem informada, a disposição de Washington não se traduziria na concessão de empréstimos-ponte, mas sim numa posição de apoio a uma proposta de renegociação dentro dos parâmetros que o ministro da Fazenda, Luiz Carlos Bresser Pereira, discutiu com o secretário do Tesouro, James Baker III, no desastre-

(Continua na página 18)

(Continua na página 18)